

# ENTRE O OUVIDO E A VOZ



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN  
CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN  
IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO  
PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

RODRIGO SPINA  
DE OLIVEIRA CASTRO

ENTRE O OUVIDO E A VOZ

EDITORA  
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
BIBLIOTECÁRIA: MARIA LÚCIA NERY DUTRA DE CASTRO – CRB-8ª / 1724

---

C279c Castro, Rodrigo Spina de Oliveira  
Entre o ouvido e a voz / Rodrigo Spina de Oliveira Castro. Campinas, SP :  
Editora da Unicamp, 2022.

1. Teatro. 2. Voz. 3. Silêncio. 4. Audição. 5. Alteridade. I. Título.

CDD – 792  
– 782.96  
– 781.236  
– 617.8  
– 111.8

ISBN 978-85-268-1574-2

---

Copyright © Rodrigo Spina de Oliveira Castro

Copyright © 2022 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade do autor e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

*Dedico estas palavras aqui escritas  
aos meus pais: Mary e Renato.*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, neste momento, às pessoas que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, direta ou indiretamente:

– meu irmão André, minha cunhada Flávia e minha sobrinha Gabriela pelo constante apoio em minha trajetória;

– meu sempre mestre Marcelo Lazzaratto, Carolina Fabri, Thaís Rossi e Tathiana Botth da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, colegas cujas trocas sempre inspiram a pensar no ofício da atuação;

– os atores que participaram da pesquisa prática do presente estudo. Na primeira parte: Cadu Cardoso, Lucas Paranhos, Aléxia Lorrana, Victor Ferrari, Karen Mezzacappa, Julia Prudencio, Sofia Fransolin, Bruna Recchia, Jean Luz, Bruna Schroeder, Artur Mattar, Pamela Leoni, Giovanna Hernandez, Thaianie Athanásio, Ana Vitória Prudente, Ana Lais Azanha, Tomás Flores e Elias Pintanel. E na segunda parte: Domitila Gonzales, Marina Campanatti, Valerie Mesquita, Maria Eugenia Portolano, Guilherme Barros Rodrigues, Maria Claudia Mesquita, Emilene Gutierrez, Ana Carolina Raymundo e Thaianie Athanásio;

– meus amigos, parceiros da vida: Rita Gullo, Pedro Haddad e Carla Kinzo;

– meus colegas professores e os servidores técnico-administrativos do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp, e, em especial, minha

parceira acadêmica e artística professora doutora Verônica Fabrini pelas sugestões dadas ao longo do estudo;

– e, finalmente, todos os alunos-atores que já confiaram suas vozes à minha condução em encontros que redimensionam constantemente meu olhar/ouvido sobre as vocalidades do ator em seu ofício.



## SUMÁRIO

Prefácio	
Encontros entre substâncias .....	11
Introdução: Entre o desejo e a escrita .....	19
Capítulo 1: Entre o leitor e o autor .....	23
Capítulo 2: Entre o mar e a vida .....	27
Som .....	34
Fisiologia da audição .....	38
Percepção e processamento auditivo.....	43
Percepção da fala.....	47
Capítulo 3: Entre o ver e o ouvir .....	53
Capítulo 4: Entre ouvir o mundo e a si.....	65
Respiração .....	74
Capítulo 5: Entre o ouvido e a voz.....	85
Práticas da escuta.....	85
1ª encontro.....	88
2ª encontro.....	99
3ª encontro.....	106
Expansão – o <i>Encontro Vocal</i> .....	111
4ª encontro.....	116
Expansão – o <i>Ser Substantivo</i> .....	121
5ª encontro .....	130

6 <sup>a</sup> encontro.....	135
7 <sup>a</sup> encontro.....	140
8 <sup>a</sup> encontro.....	147
9 <sup>a</sup> encontro.....	151
10 <sup>a</sup> encontro.....	157
11 <sup>a</sup> encontro.....	168
12 <sup>a</sup> encontro.....	176
13 <sup>a</sup> encontro.....	182
14 <sup>a</sup> encontro.....	189
Expansão – a palavra na perspectiva do <i>Encontro Vocal</i> .....	194
Palavra interna.....	201
Palavra no encontro .....	205
Capítulo 6: Entre agora e adiante .....	213
Referências bibliográficas.....	217
Livros .....	217
Monografias, dissertações e teses.....	221
Artigos em periódicos.....	221
Artigo na internet .....	222

## PREFÁCIO

# ENCONTROS ENTRE SUBSTÂNCIAS

*Marcelo Lazzaratto*

“Uma palavra que só escuta.”

Esta frase, contida logo no texto de abertura deste livro, muito diz o que Rodrigo Spina quis, desejou, sentiu, vasculhou, processou neste trabalho que você está prestes a ler, querido leitor. O trabalho constante com o teatro, quando feito com minúcia, atenção e, principalmente, em estado de jogo com tudo e todos que o compõem, torna o indivíduo aberto a sentires e saberes específicos e surpreendentes, capazes de gerar sínteses insuspeitadas como esta: uma palavra que só escuta.

Interessante imaginar isto: a palavra – qualquer palavra – que antes e acima de tudo existe para ser expressada, ou seja, colocada em movimento sonoro para o exterior em busca de algum interlocutor, este sim com toda sua atenção voltada à escuta para bem compreender o que lhe está sendo dito naquela síntese, a palavra compreende em si mesma essa característica – a de ouvir –; e assim pode, enfim, ser pronunciada com todas as suas camadas acumuladas desde a sua primeira pulsão etimológica.

A palavra que escuta, escuta-se e escuta o tempo, as eras, as inúmeras circunstâncias em que foi utilizada por pessoas distintas, cada qual com sua voz, seu timbre... pessoas de camadas sociais diversas, etnias variadas, acentos de pronúncia próprios àquela ou àquela outra região, influenciadas pela geografia e pelos “fazereres”; e,

assim, a palavra vai se adensando através de inúmeras sobreposições que vão constituindo seu terreno arqueológico.

A palavra que só escuta é matéria. Matéria arqueológica!

Com essa síntese parece-me que Spina inicia e finaliza seus trabalhos em sala de aula como professor de expressão vocal na Universidade, bem como em seus trabalhos artísticos quando é responsável pelo trabalho de voz dos atores de alguma montagem, ou nas próprias encenações que até aqui realizou como diretor cênico. E que belo início! Fico aqui imaginando um grupo de alunos a ouvir tal “palavra” da boca de seu professor! Que bela síntese para estimular o trabalho dos atores!

Antes de dizer, escute. E o escutar é dado antes aos silêncios. Antes de falar, deixe a palavra silenciar. Repousar. Qual o silêncio da palavra? Palavra repleta de silêncios pode ser mais bem ouvida. Palavras que se escutam se fazem ouvir com maior profundidade. Porque menos ansiosas, menos cheias de “querer ser”, de querer significar, de determinar certezas; porque se sabem compostas de muitos, e tantos, de certo modo, nelas estão. Então, para que a pressa em se anunciar e com isso perder suas sutilezas?

*Entre o ouvido e a voz*, quando li o belo título deste trabalho, logo pensei: isso pode ser um perigo ao seu autor. Uma armadilha. Essa armadilha está no fato da dimensão da complexidade que tal enunciado apresenta. Pois, entre essas duas instâncias essenciais à comunicação da espécie humana – entre o ouvido e a voz –, reside um indivíduo que carrega um sinuoso sistema nervoso central que armazena bilhões de neurônios capazes de realizar trilhões de sinapses entre seus dendritos. Um corpo que sente tudo que o cerca por meio de seus cinco sentidos e com uma racionalidade que na maioria das vezes não dá conta de compreender tudo; com uma psique composta de matéria consciente e material inconsciente unidos quiçá pela intuição, com desejos e pulsões que geram desequilíbrio, pois movedoras... ou seja, uma entidade complexa que diariamente convive com o embate

entre instintividade e racionalidade. Entre o ouvido e a voz, estamos nós, querido leitor, cada um de nós, cada qual carregando um mundo próprio, um modo próprio de conceber e de organizar as coisas. Como abarcar tudo isso em um único texto?

Mas nosso autor escapa bem dessa armadilha, ele se intitula um professor de expressão vocal e com isso estabelece limites tangíveis para desenvolver sua escrita composta de reflexões adquiridas por uma intensa experiência prática. E, assim, convida-nos a adentrar poeticamente em um espaço potencial “entre”. O “entre”: termo, conceito, enunciado, repleto de mistério e potente de poesia. Em diversos trabalhos utilizei esse termo para tentar definir algo que não se mostra com clareza científica, mas que se mostra ou ao menos se faz sentir através dos desvãos da poesia. Para mim o “entre” é um espaço potencial em que de fato a alteridade se estabelece. Entre mim e um outro, existe um território, uma região, um espaço, um lugar de puro encontro, em que o “jogo” acontece, em que os traços distintivos não deixam de existir, mas se oferecem para ser contaminados, contagiados pelos traços do outro. Lugar do brincar, do “imaginar com”, de certa deriva, de afecção, de pertencimento a algo maior que si mesmo... O “entre” é lugar lacunar sempre disposto e aberto a ser preenchido por ações conjuntas de substâncias distintas. Conexão entre as dualidades, escrevi algo assim há muito tempo, quando tentava definir como o Campo de Visão operava. Mas isso é para um outro momento...

Por enquanto digo que Spina nos convida delicadamente a adentrar alguns espaços “entre”, e eu, que adoro convites assim, sem pestanejar me largo em suas mãos e permito que me guie por suas palavras cheias de escuta.

A primeira estação ele denominou “Entre o mar e a vida”... Mais uma vez me encanto com o título ao mesmo tempo que me preocupo. Nossa! Mar e vida? Dois substantivos gigantes... que contêm uma infinidade de coisas. Ao fim do percurso você compreenderá a importância dos substantivos para esta pesquisa que aqui se apresenta.

Por agora digo que felizmente o nosso professor de expressão vocal é dado às poesias e as grandes dimensões não as assustam; na verdade a poesia não teme o grande nem o pequeno, o claro ou o escuro, o fundo ou o raso, porque ela opera entre todas as dualidades.

Nessa estação, nosso autor nos diz que, para falar da voz, antes precisa se atentar à audição. Assim, impregnado de água marinha que banhava os seres originais de nosso planeta, ele traçará uma linha evolutiva estudando os elementos formadores, anatômicos, fisiológicos da audição, para somente no final chegar à percepção da fala... e estranho, opta primeiro pelo silêncio como amigo inseparável da jornada auditiva para depois, sim, se lançar às ondas sonoras e aos seus cumprimentos. Antes de falar, escute.

Na segunda estação, nosso guia convida a visão a entrar no jogo, “Entre o ver e o ouvir” estabelece um breve panorama crítico das transformações das sociedades ao longo das eras e do desenvolvimento tecnológico que influenciaram sobremaneira o modo de percepção dos indivíduos: em eras passadas mais coletivo e na atualidade com grande ênfase na individualidade. Em seguida adentra mais claramente no território teatral, em que faz interessante comparação entre paisagem sonora e paisagem visual e a capacidade humana de selecionar, em ambas as paisagens, o que se configura como figura e o que se mantém como fundo, afirmando que essa operação é valiosa para o ofício do ator que “revive imagens o tempo todo”. E finaliza abordando a questão temporal e a duração da percepção tanto no aspecto auditivo como no visual, e nos faz lembrar que estamos sempre envoltos num ambiente sonoro, ininterrupto, num eterno presente; nossa percepção sempre é impactada por ondas sonoras... repletas de silêncio.

Na parada seguinte dessa jornada, ele traz aliados para seu estudo que o ajudarão a nos comunicar com clareza a peça fundamental de sua original elaboração a respeito da expressão vocal: o silêncio. “Entre ouvir o mundo e a si” investiga o silêncio através das vozes de Cage, Wisnik, Orlandi, Sontag, Steiner, Lazzaratto, Quilici, Cavalheiro,

Gaiarsa, Vargens, Souchard e Artaud, que misturadas à sua própria voz conseguem compor uma orquestra de sons variados nascidos das latências silenciosas da conexão. E, para assim nascerem, esses sons e essas vozes necessitam da força vital mais importante do corpo humano: a respiração. Sem ela, nenhuma elucubração a respeito da voz seria possível; sem ela, nenhum gesto poético existiria, nenhum canto, nenhum diálogo, nenhum contato. O trato com a respiração, tanto na abordagem fisiológica quanto no aprimoramento técnico no trabalho do ator, é essencial à sua arte e de certo modo, por meio deste trabalho, podemos encontrar consonância rítmica entre inspiração-expiração e escutar-falar.

Na última etapa do percurso, Spina nos conduz para a sala de ensaio e ali, com muita clareza e muito detalhamento, vai nos mostrando como os elementos formulados e queridos nos itens anteriores podem de fato se corporificar nos atores. Teatro é lugar de experiência, de experimentação, de pesquisa, de busca incessante, e a pesquisa em Artes Cênicas estimula os pesquisadores a buscar, inventar, criar procedimentos variados para que as belas ideias se tornem fato no corpo dos atores; e mais, procedimentos que tragam em seu bojo chaves de acesso para que de novo e mais uma vez e outra seja possível alcançar essa materialidade. Porque teatro é a arte da repetição, ela escapa dos “espontaneísmos”, ela necessita de um tipo de acuidade que somente a repetição atenta é capaz de oferecer. Muito da técnica teatral deve-se à repetição, e a repetição necessita de procedimentos seguros e porosos para se fortalecer e se renovar a cada dia, sem cair no enfado do “já sabido”.

Duas belas ideias, poderia dizer termos, quem sabe conceitos, saltam aos olhos nesse momento fundamental da prática dos atores: o “ser substantivo” e o “encontro vocal”. Posso mesmo dizer que tudo antes apresentado desemboca nesses dois termos. Não me deterei muito aqui sobre eles, para que você, leitor, possa se deliciar com o desenrolar do fio da meada que o jogo, entre o condutor dos trabalhos

e os atores com suas reflexões e seus questionamentos, realizou. Porque esses conceitos são frutos de um processo, e um processo não sabe, *a priori*, o local de chegada nem muito menos se desenvolve movido pelas certezas. Pelo contrário, coloca-se à deriva em alto-mar e busca seu porto seguro através da relação imprevisível com o clima e as marés.

Da mesma forma é importante salientar que esse processo se iniciou muito antes da formulação deste trabalho. Foi fundamental à formação artística de Spina o que pôde experimentar ao longo de muitos anos no trabalho desenvolvido na Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, que traz como eixo fundamental o sistema improvisacional Campo de Visão por mim concebido e desenvolvido há 30 anos, e que estimula nos artistas da cena, antes de qualquer coisa, a percepção em todos os sentidos. Ter noção desse percurso é valioso porque ele se oferece como um trilho (ou seria uma trilha?) que vem de “ontens” e avança para os amanhã. Dessa forma Spina insere-se numa tradição que se apoia no sensível, uma tradição porosa, aberta ao outro – tradição como escuta –, a ela contribui e avança para o amanhã.

Muito me orgulha ver um trabalho cultivado com tanto carinho e atenção por décadas, desdobrar-se, ramificar e frutificar em outros corpos, instigar outras sensibilidades, encontrar formulações derivadas que o tornam constantemente e sempre mais complexo, mais bonito. Ler este trabalho, confesso, muito me envaidece, pois vejo a potência da polinização gerar em outros terrenos suas flores e seus frutos.

O Campo de Visão é uma fonte ininterrupta de criação e pode se derivar em inúmeros procedimentos. Spina aqui realiza alguns desdobramentos: para chegar às suas valiosas formulações, além de outros, utiliza-se como procedimento do Campo de Audição e do Campo de Audição Livre, que são derivações do Campo de Visão, que na verdade é um Campo de Percepção. Enfatiza o aspecto da Audição para sensibilizar os atores à escuta antes da fala, para que entendam profundamente a palavra que antes escuta, para que se lancem aos



“encontros” através de vocalidades sonoras abstratas e que por fim sintam/formulem sua expressão artística antes pela força “substantiva” das essências do que pelos seus traços identificadores.

E aqui uma breve reflexão, quase uma curiosidade: sempre achei curioso o interesse que Spina demonstrava a respeito do conceito que formulei em *Arqueologia de um ator, o duplo-contágio*. Ele sempre falava sobre ele, mencionava-o, utilizava-o como exemplo para explicar alguma coisa que acontecia em seu trabalho de ator. Havia algo ali que o instigava para além da prática, quiçá para além da filosofia... Quando ele inicia e desenvolve o processo que este livro apresenta, não por acaso ele define os conceitos Encontro Vocal e Ser Substantivo apoiado no *duplo-contágio*. O que seria natural, uma vez que ele está inserido na “tradição que escuta”. Mas tem um detalhe a mais que poucos sabem e que, talvez, nem ele mesmo tenha apercebido: Spina, antes de se aventurar pelos palcos, estudou química, disciplina que investiga as substâncias formadoras de toda materialidade, que estuda as composições que formam as moléculas, que opera misturas entre os elementos... disciplina que desde sua ancestralidade alquímica tem trato com as essências. Não por acaso, pois nada é por acaso, ele se incandesceu com o meu *duplo-contágio* e formulou o seu “Ser Substantivo” por meio do encontro de substâncias vocais. Talvez o trato com as essências seja a verdadeira força motriz desse ator-professor-químico!

Para finalizar, fica aqui o convite e o estímulo, caríssimos leitores, para que se lancem à leitura deste belo e minucioso trabalho de Rodrigo Spina. Que esta leitura seja um encontro, um encontro de vozes, as dele e de seus atores e as suas, sem deixar de ter como diapasão a noção de que, entre o ouvido e a voz, há uma palavra, uma palavra que escuta.



## INTRODUÇÃO:

# ENTRE O DESEJO E A ESCRITA

Tornar a escrita experiência.

Que toda reflexão que saia da organização mínima dessas ideias, ou palavras, ou vozes venha do encontro entre mim e um outro. Mesmo o outro que começa em mim e, escavando a fundo, acaba por vasculhar os territórios da Grécia Antiga ou a estrutura do DNA da primeira célula viva da Terra.

A busca da alteridade pela escuta aprofundada dos materiais anímicos que possam acalentar o ser ansioso por criação, em busca de um possível repouso no ato.

Agir enquanto essência acalmada.

Presentificar vozes a partir da escuta do quê, do como e principalmente do porquê.

Entender a relação; as relações que surgem da intersecção entre almas que escreveram, que inspiraram e que organizaram a vida em algum conteúdo cheio de códigos delicados.

A delicadeza semântica entre o leitor e a palavra tranquila.

Os adjetivos frouxos, beirando a incompletude de sentidos.

As palavras aquietadas e silenciosas. Talvez aí esteja o repouso.

Deixar a palavra livre da necessidade de dizer, necessidade de setas unilaterais de significados imediatos em busca de comunicar algo.

Uma palavra que só escuta.

Deixar a palavra à vontade, escutando calmamente o som do mar evocando as memórias primevas do ser humano, antes de qualquer organização, antes de qualquer associação: o ser humano e a natureza em potência, em vontade, em desejo.

O homem da caverna que por necessidade cria palavras, cria linguagem para poder entender o seu entorno. Uma palavra cavernosa e arquetípica.

A palavra que navega pela primeira vez, experimentando o sal pela primeira vez. A palavra que desperta, pelo sabor, a língua, a primeira língua – avolumada e musculosa – livre de qualquer formalização prévia.

A língua encostando pela primeira vez no céu da boca para poder, como uma onda que acabou de quebrar, explodir em alguma consoante, por necessidade.

Assim, do silêncio brota a escuta – um ouvido gigante. E desse ouvido nasce a palavra, da palavra nasce a língua, da língua nasce o homem: brincadeiras filogenéticas para a revisão de uma voz que possa latejar em porosidades.

Uma voz que vive pela primeira vez. Um tempo inaugural completamente integrado às memórias antigas.

Tornar a escrita memória.

A memória do mar, do protozoário, do peixe, do réptil e da ave. A memória da fecundação, do zigoto, do útero, do primeiro toque, do primeiro dente, do primeiro amigo e do primeiro amor, a memória do maior pesadelo e do parque de diversões; a memória da doença, a memória da morte, a memória do futuro.

Que a palavra objetive o futuro de ser memória num outro corpo!

A memória experienciada pela troca e pelo encontro.

O compartilhamento das peles-carbonos pela escuta.